



**EUTOMIA**

REVISTA ONLINE  
DE LITERATURA E LINGUÍSTICA

Poesia

*Adriano Wintter<sup>i</sup>*

## EVENTOS

o dia desliza  
echarpes de ar  
no rosto dos ramos

a luz  
zonga de azul  
cambaleia em  
copas  
se ampara em  
postes  
e desmaia em  
muros

gigantescas e puras  
**BOMBAS DE NUVENS**  
explodem brancos

# POÉTICA

I

a beleza tem leis  
que as palavras apagam  
quando grafam seu gênese  
no princípio da página

e revelam que o belo  
surge brusco e sozinho  
como sonho ou delírio  
nas pupilas da linha

(não há luz que construa  
nem engenho que gere  
sua flor na brancura  
insondável do cérebro  
onde pétalas lusas  
ditam versos inéditos)

ela anula a estrutura  
cinde a lira do logos  
parte o fêmur do número  
ri do rosto de Apolo  
e na mão do arquiteto  
crava o da(r)do do acaso

quando quer, como quer  
tudo - a si - submete  
tem um trono no caos  
outro sólio na ordem

reino (em branco) do arcano  
onde incógnita impera  
às vogais, consoantes  
dando timbre e mistério

II

a beleza tem leis  
que o poeta obedece  
feito cego refém  
de suas normas secretas

as safiras da forma  
ele pensa que amolda  
que lapida, que pole  
ou colares concebe  
mas as pedras precisas  
são geradas por ela

ruge azul e se insere  
no momento que escolhe  
e no molde que elege  
pressionando sua mente  
a cingir cada verso  
da maneira que pede

advém do inconsciente  
que antecede a palavra  
e em riquezas excede  
as jazidas da fala

um silêncio que ao léxico  
alimenta e revela  
hermetiza e esclarece  
ou destrói, desespera

luta eterna do ser  
contra o som e o alfabeto  
contra a arte que o diz  
sem contudo expressá-lo

III

a beleza tem leis  
que o poeta ignora  
apesar de contê-las  
na extensão de sua obra

linha a linha reflete  
harmonias herméticas  
de suas luzes simétricas  
que jamais entrevê  
mas cintilam no avesso  
do céu negro que versa

lê de luas ilógicas  
raios presos nas letras  
tão sutis que velozes  
somem quando aparecem  
lê de estrelas o eco  
sob as trevas fonéticas

e por todo poema  
em discurso de eclipse  
lê o zênite líquido  
do vocábulo impresso

mas em língua ilegível  
- um dialeto do nada -  
que reflete o invisível  
escrevendo o que apaga

lê a lei do silêncio  
no limite da lauda:  
a poesia começa  
onde o verbo acaba

## EXI-LAR

contrário a toda paixão

e suas rápidas  
diásporas

amar

é ser longe

amar

é estar outro

eternamente

no continente do mesmo corpo

# SILO

I

ceifo safras  
de pássaros

guardo voos  
no silo

depois lavo  
na arte

e nos versos  
afio

a famélica  
e ágil

foice lírica  
da íris

II

planam sempre  
que abro

(tristes tempos  
de estio)

esse silo  
fantástico

onde fomes  
sacio

## INFLORAÇÃO

árvore magna, seca  
na rua nublada  
um negro  
bulbo com braços  
grossos  
que sobem tortos  
bem  
diante da igreja  
gótica  
em Porto Alegre

diria que ora  
nua  
ao céu clamando  
cura  
pura e flórea  
- ácida -  
da lepra dos musgos  
e  
da praga das barbas

## AORTA

I

descubro

diante do bar

o coração do bairro

dezenas  
de pássaros  
numa só árvore

bombeando cantos  
ao fim de tarde

II

que importa  
se ruas  
artérias ab-surdas  
sequem  
entre prédios?

irriga-se  
a Musa: aorta  
etérea

## CÉU ÉBRIO

bebeu  
todo vinho  
suave da noite

quebrou  
sua taça  
infinita de estrelas

e acordou  
solarmente na rua  
com bandos de aves  
no terno azul

---

<sup>i</sup> ADRIANO WINTTER - Nasceu em Porto Alegre/RS. Foi vencedor do Femup 2010, com o poema "os átilas", e integrou sua antologia. Tem outros poemas publicados nas Revistas Germina, Aliás e no Jornal Poesia Viva.

Edita o blog: <http://adrianowintter.wordpress.com>

Email: [ars.poetica.aw@hotmail.com](mailto:ars.poetica.aw@hotmail.com)